



PROVISÓRIO HÁ 4 ANOS: PRIMEIRAS TURMAS DA UFMT VÁRZEA GRANDE SE FORMAM SEM PISAR NO CAMPUS PROMETIDO

**ADUFMAT - S S I N D
PRODUZ DOCUMENTÁRIO
SOBRE SEUS 40 ANOS**

(PG. 04)

**ADUFMAT-SSIND 40 ANOS:
SAIBA COMO SURTIU E O QUE
REPRESENTA O LOGO DO SINDICATO**

(PG. 04)

**40 ANOS DE FUNDAÇÃO,
LUTAS E ENFRENTAMENTOS**

(PG. 02)

40 ANOS DE FUNDAÇÃO, LUTAS E ENFRENTAMENTOS

Na data de 05 de dezembro do corrente ano, a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso, ADUFMAT, fundada no ano de 1978, completou seus 40 anos. De associação, no final da década de 1970, transformou-se em seção sindical no ano de 1990. Essa transformação foi acompanhada pelo movimento propiciado pela Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior, a ANDES, que durante o II Congresso Extraordinário, ocorrido no Rio de Janeiro, no mês de novembro de 1989, passou à condição de Sindicato Nacional.

A opção da ANDES, que passaria a ser denominada desde então de “o ANDES”, foi feita logo após a promulgação da Constituição de 1988, que permitia a criação de sindicatos no país, após décadas de cerceamento político e de outro lado, mediante ampla consulta às bases, ou seja, aos docentes associados que integravam o movimento docente local, em suas respectivas universidades, como o caso da ADUFMAT.

Não foram poucas as assembleias em que a pauta – apoiar ou não a transformação da ANDES em sindicato nacional-, foi levada e discutida pelos docentes. Quantas e quantas vezes, vozes se fizeram ouvir em meio ao sentimento expresso, ora de medo, ora de desconfiança e de protelação: “vamos discutir mais”; “vamos melhor nos esclarecer”; “vamos dialogar com as outras associações e ouvir suas manifestações”.

Essas outras associações eram contemporâneas à ADUFMAT, pois uma dezena delas foi fundada no final dos anos 1970. Dentre elas, encontram-se para exemplificar, a Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina (APUFSC), fundada na cidade de Florianópolis, em 1975; a Associação dos Docentes da Universidade Federal de São Paulo (ADUNIFESP), fundada como Associação dos Docentes da Escola Paulista de Medicina (ADEPM), em 1976; a Universidade Estadual de Maringá, (ADUEM), por sua vez, criada no mesmo mês e ano da ADUFMAT.

Outras associações seriam criadas já nos primeiros anos da década seguinte, dentro do mesmo espírito – o da unificação da categoria na defesa de uma universidade autônoma, democrática e de qualidade.

Cada qual com suas particularidades, a partir da criação, as associações docentes empenharam-se em unir-se e a manter o diálogo durante os encontros promovidos em âmbito local e nacional, o que veio permitir o apoio e o fortalecimento de suas ações traçadas na prática da luta cotidiana. Em todas as dezenas de associações fundadas nas referidas décadas alguns propósitos as identificavam: o fim do regime militar e a volta da democracia no país.

Para as associações de docentes, a luta pelo fim do regime militar e retomada do governo civil, que iria ocorrer “de forma lenta e gradual”, conforme afirmavam os ideólogos da transição dos governos militares, passou a ser uma reivindicação crucial para o próprio sentido e definição de universidade pública brasileira, dado que iria exigir uma distensão em todos os espaços da vida pública e privada.

Desta forma, a construção da democracia no país deveria ocorrer por mudanças profundas no interior das universidades, onde os mecanismos de decisão deveriam ser transparentes e abertos. Esse pode ser considerado o eixo unificador das associações docentes no país daquelas décadas, e em razão dessa opção ideológica, a maioria delas presenciou as vozes de suas lideranças serem abafadas e suas diretorias passarem por intervenção. O caso da ADUFMAT e de sua primeira diretoria eleita no dia 05 de dezembro de 1978, cuja intervenção ocorreu em 20 de novembro de 1979, pode exemplificar o que ocorria nas demais associações docentes do país, que igualmente viviam sob o jugo da vigilância e do cerceamento da liberdade de expressão.

Na ADUFMAT, o ato intervencionista levou à instalação de uma “Junta Governativa”, formada por 3 docentes que durante 11 meses, com apoio da administração superior, dirigiram a Associação. Foram meses de grande efervescência política e de demissões, de afastamento de docentes de suas atividades de salas de aula e, marcadamente, do sentimento de frustração. Havia se

fragmentado e esfacelado um espaço essencial da vida universitária e de suma importância para os docentes, talvez o maior - aquele espaço de encontros e reencontros, de discussões, de trocas de experiências de vida e de militância política. Era o momento de exílio interno nos corredores da UFMT, uma imagem que podia se ajustar naquele momento de transição entre o primeiro impacto provocado pela fratura política e o renascimento da ADUFMAT.

Nessa transição, docentes estabeleceram novos espaços e formas de diálogo internamente com militantes de partidos políticos em formação como o PT, com discentes e técnicos administrativos da UFMT e, externamente com as demais associações, que passaram a gerar movimentação política para que a ADUFMAT fosse reerguida e refundada. A refundação da ADUFMAT, via eleição direta, ocorreu após aproximadamente dois anos e meio com a “Chapa Renascer”, em 1982.

Com a refundação da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso, ADUFMAT, foi possível a retomada, via institucional, das discussões clamadas pelos docentes. Dentre essas, encontravam-se as reivindicações voltadas para as campanhas salariais; maior participação na luta universitária nacional; debates a respeito da reestruturação da universidade brasileira e participação nas decisões da UFMT, com ênfase nas eleições em todos os níveis e discussão dos Estatutos e Resoluções.

A partir dessa gestão, a Renascer, estavam dadas as condições necessárias para que ADUFMAT se afirmasse na década de 1980, como uma entidade representativa dos interesses e reivindicações dos docentes no âmbito da UFMT, sem deixar de acompanhar os debates do movimento docente nacional. A campanha pelas Diretas Já, que ocorria no país, não passou imune no estado de Mato Grosso e a ADUFMAT foi um dos principais lócus de defesa e de debates, inclusive, com a campanha e realização interna de eleição direta para reitor e nos demais níveis da esfera administrativa.

Na década de 1990, a ADUFMAT e demais entidades, cujas lutas haviam redundado em conquistas essenciais para a carreira docente, como o Plano Único de Carreira, a Dedicção Exclusiva (DE), a equiparação salarial entre ativos e aposentados, passaram a defrontar-se com a redução sistemática do orçamento da União para as áreas de saúde e educação. Estampava-se um modelo de Estado mínimo e o início do esgotamento do Estado provedor, aliado à redução dos gastos públicos. Tal modelo de Estado mínimo partia da premissa de que reformas estruturais eram necessárias para a modernização do país, o que implicaria na redução de vários direitos sociais e, por conseguinte, no enfraquecimento das entidades da sociedade civil organizada.

Passadas pelo menos três décadas de implementação do modelo de Estado mínimo no Brasil, as universidades, mediante suas associações de docentes, enfrentam de maneira mais contundente nos dias atuais aquelas medidas que já vinham sendo sinalizadas e/ou executadas, nas décadas passadas, à exemplo do paradigma de que a educação deve servir para o mercado, a privatização da educação em todos os níveis - do básico ao superior - e a mudança de seguridade social para seguro, o que implica na lógica que privilegia o lucro em detrimento dos direitos sociais.

Diante de um futuro que se mostra obscuro para os trabalhadores de modo geral e, no caso, para os docentes de ensino superior e para a ADUFMAT, os olhos devem se voltar para o passado, cuja história apresenta marcas indelévels das lutas, desafios e conquistas obtidas por aqueles que iniciaram a caminhada e pelos que hoje fazem a marcha, pois “o passado não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar [...]” (Ecléa Bosi, 1987).



**GESTÃO: ADUFMAT DE LUTA,
AUTÔNOMA E DEMOCRÁTICA**

DIRETORIA

Presidente: Reginaldo Silva de Araujo
Vice-Presidente: Maelison Silva Neves
Diretora Secretário: Onice Teresinha Dall'Oglio
Diretora Tesoureiro: Alair Silveira
Dir. As. Aposentadoria: Maria Adenir Peraro
Diretoria de Imprensa: Adriana Queiroz N. Penhorati
Dir. Assuntos Sócio-Culturais: José Ricardo de Souza

Representantes eleitos em Sinop: Lorenna Rezende, Ricardo Santana e Gustavo Canale.

Representantes eleitos no Araguaia: Eliel Ferreira, Márcia Pascotto, Maurício Guedes e Deyvisson da Costa.

Jornalista Responsável: Luana Soutos (DRT 1676/MT)

Av. Fernando Correa da Costa, S/Nº
 Coxipó | Campus UFMT | Cuiabá
 Cep. 78.060-900 | Mato Grosso | Brasil
 (65) 99686-8732 • (65) 4104-0656 • (65) 4104-0548
 adufmat@terra.com.br • www.adufmat.org.br

PROVISÓRIO HÁ 4 ANOS: PRIMEIRAS TURMAS DA UFMT VÁRZEA GRANDE SE FORMAM SEM PISAR NO CAMPUS PROMETIDO

Início de semestre na universidade. É fácil identificar aqueles que dão seus primeiros passos pelo campus. Olhos atentos, brilhantes, curiosos. Para a grande maioria, um sonho se torna realidade. Talvez, o mais importante deles até o momento. Muitos são os primeiros da família a pisarem numa universidade. E uma universidade pública, federal, listada entre as melhores do país. Um grande orgulho!

Há quatro anos, eram os estudantes do mais novo campus da UFMT lançavam esses olhares. Cerca de 150 alunos seriam preparados para atuar como engenheiros nas áreas de Engenharia de Minas, Engenharia Química, Engenharia de Transportes, Engenharia de Controle e Automação e Engenharia da Computação. Na época, a expectativa era de que, além de adentrar ao mundo do conhecimento, os estudantes também encontrariam um espaço novinho no campus da UFMT de Várzea Grande. Ali, teriam o Restaurante Universitário, laboratórios especializados, espaços de convivência, salas de estudos, enfim, toda a estrutura necessária para a formação profissional. Em 2019, essas mesmas turmas sairão formadas sem nunca terem pisado no tão sonhado campus da UFMT de Várzea Grande.

Não, não se trata de mais cursos à distância. Os cinco cursos oferecidos pela UFMT Várzea Grande são presenciais. Mas o que a grande maioria da população não sabe é que o campus da Universidade Federal de Mato Grosso de Várzea Grande funciona, "provisoriamente", em Cuiabá. Hoje, mais de 600 alunos disputam salas de dois Blocos Didáticos, construídos de forma padronizada em universidades de todo o país com recursos do Reuni, para atender toda e qualquer demanda que apareça. Os estudantes também disputam laboratórios e todas as demais estruturas do maior campus da universidade com os mais de 10 mil alunos de graduação matriculados em Cuiabá.

"Até algum tempo atrás nós tínhamos muita dificuldade para conseguir salas, porque elas eram divididas com estudantes de outros cursos de Cuiabá. Quem administrava era a Pró-reitoria de Planejamento (Proplan). Por esse motivo, nós tínhamos que definir as atribuições e horários de aulas com bastante antecedência, porém nós não sabíamos exatamente quantos alunos nós teríamos nas disciplinas - quantas turmas de cálculo 3, de física 2, de algoritmos, de física 1 -, não sabíamos se as salas comportariam. Nós passávamos uma estimativa e, às vezes, quando iniciava o semestre, a gente precisava de mais salas e não tinha. Claro que nesses momentos nós buscamos outros meios, salas de aulas de outros institutos, auditórios, tentava negociar", explicou um docente, que preferiu não se identificar.

Os relatos, talvez de maneira inconsciente, apontam uma estrutura provisória, ganhando ar de definitiva. "Agora o Bloco Didático 2 está sob a gerência do campus de Várzea Grande para evitar esse tipo de coisa. Temos um auditório no Bloco Didático 1, que comporta cerca de 60 pessoas, onde nós instala-

mos alguns computadores e utilizamos também como sala de aula. É importante destacar que a gestão do campus de Várzea Grande tem estudado layouts para melhorar as salas dos professores e dos técnicos", ressalta o mesmo docente.

Quanto aos laboratórios, a resposta é objetiva: não tem. A administração do campus negocia os espaços com os cursos de Cuiabá, tal como o Instituto de Computação (IC), Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia (FAET), Instituto de Física, Instituto de Ciências Exatas e da Terra (ICET), Agronomia, Zootecnia, Engenharia de Alimentos, entre outros. "A prioridade é deles, mas a negociação é amigável, não temos problema nesse sentido", relata o docente.

Apesar da solidariedade dos colegas de outros institutos e faculdades, a impossibilidade de administrar os equipamentos utilizados nos laboratórios é uma dificuldade real. Então, para que os estudantes conheçam esses equipamentos específicos, os cursos do campus de Várzea Grande procuram alternativas fora da universidade, estabelecendo parcerias com empresas para realizar algumas aulas de campo. "Eu entendo que a falta desses laboratórios específicos pode prejudicar um pouco a formação dos estudantes, porque, embora eles conheçam os equipamentos nessas parcerias com empresas, eles vejam, observem a utilização, eles não podem manusear. Isso pode prejudicar um pouco, mas eles vão sair daqui bem formados. Tivemos a avaliação do curso de Engenharia Química recentemente, e ele foi muito bem avaliado", ressalta o professor.

Além disso, a sala (provisória) dos professores, é visivelmente um incômodo. Dezenas de computadores lado a lado são utilizados pelos 55 professores do campus - o total previsto é de 83 docentes -, como se fosse uma enorme Lan House. "Em época de provas, final de semestre, isso aqui fica cheio de aluno. É muito difícil atender. Nós também recebemos pessoas do Sebrae, Fiemt, empresas que vêm visitar a gente para estabelecer algum tipo de colaboração. Normalmente nós vamos para uma sala de reuniões, menor, porque aqui não dá", comentou o entrevistado. A sala dos cerca de 50 técnicos do campus apresenta o mesmo desconforto.

Na perspectiva dos estudantes, o espaço é, também, um problema. "O aluno é transparente, ele sente falta do espaço dele, do campus dele. Pelo que eu converso com os estudantes, eles sentem que não têm o espaço deles aqui, embora estejam conquistando. Por isso buscamos fazer o melhor possível, dentro daquilo que a gente pode", acrescenta o servidor.

Fruto de uma parceria entre governos Federal, Estadual e Municipal e, por isso, foco de muitos holofotes, a previsão era que as primeiras turmas já iniciassem as aulas no campus de Várzea Grande, em agosto de 2014. O então governador, Silval Barbosa, anunciou o projeto em 2012. No entanto, a obra só teve início no segundo semestre de 2014. Depois, uma segunda

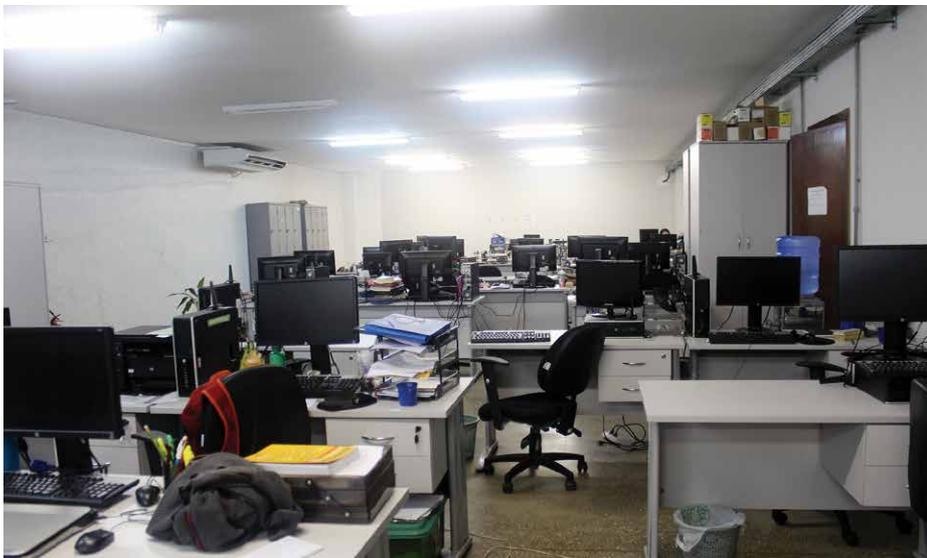
data foi definida para entrega: setembro de 2015. Diante de alguns problemas, uma terceira previsão, o campus finalmente seria entregue no segundo semestre de 2016. Naquele momento, a então reitora, Maria Lúcia Cavalli Neder, chegou a dizer que 80% da obra estava concluída e o espaço de 80 hectares seria entregue à comunidade acadêmica da UFMT e também do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) ainda em 2016. Ao assumir a instituição no final daquele ano, uma das primeiras ações da nova Reitoria, formada por Myrian Serra e Evandro Soares, foi visitar a obra, apontando 90% de conclusão e previsão de entrega no segundo semestre de 2017.

Segundo as informações oficiais, o atraso da obra se deu por falta de recursos e porque a empresa vencedora do processo de licitação (Material Forte Incorporadora) decretou falência. No entanto, outras obras em parceria com o Governo do Estado, para a Copa FIFA de Futebol de 2014, e o próprio novo Hospital Universitário, também não saíram do papel e continuam sem previsão de entrega à população.

Em março desse ano, a UFMT anunciou que a obra seria retomada, diante do repasse de R\$ 8,5 milhões do MEC à instituição, para realização de nova licitação, e que a obra poderia ser entregue até o final deste ano. Em dezembro de 2018, diante da pergunta sobre a previsão de entrega do campus, a resposta dos trabalhadores é unânime: não sei.

Apesar de todas as incertezas, a esperança dos trabalhadores reluz entre uma palavra ou outra. "No campus de Várzea Grande nós vamos ter facilidades de acesso, e tudo isso vai ajudar muito para que a gente possa desempenhar melhor nossos papéis. Mas não sei dizer se há perspectiva", concluiu o entrevistado.

Para o presidente da Associação dos Docentes da UFMT (Adufmat-Ssind), Reginaldo Araújo, o sentimento é de frustração. "O plano de ter um campus em Várzea Grande, recebendo cursos estratégicos para algumas áreas, esperado desde 2014 e ainda não concretizado em 2018, aparece como uma grande frustração. O que nos anima é a vontade dos professores, técnicos e estudantes de continuar realizando seus estudos, pesquisas e atividades. Tanto, que resulta desse esforço a boa avaliação alcançada por um dos cursos recentemente. No entanto, mesmo que o reconhecimento institucional tenha vindo, nós sabemos que a não definição do campus prejudica a identidade entre aqueles que o compõem. Nós sabemos que alguns estudantes vão fazer estágios e disciplinas em universidades de Minas Gerais, isso não pode ser encarado com normalidade. Nós temos de garantir que esse sonho se concretize para os estudantes e para os colegas que vieram ajudar a construir essa universidade", afirmou o docente.



LABORATÓRIOS DE COMPUTAÇÃO POR DISCIPLINA					
Disciplina	Localização	Professor	Horário	Dia	
Sistemas Distribuídos	Laboratório Pequeno - SETEC	Anísio	7:30-9:30	Terça	
Tópicos Avançados em Eng. de Computação II	Laboratório Pequeno - SETEC	Sandino	7:30-9:30	Sexta	
Algoritmos e Programação de Computadores [VE1P1]	Laboratório Grande - SETEC	Diogo	9:30-11:30	Quinta	
Algoritmos e Programação de Computadores [VE2P1]	Laboratório Grande - SETEC	Ricardo	7:30-11:30	Quinta	
Estrutura de Dados	Laboratório Grande - SETEC	Anísio	9:30-11:30	Sexta	
Laboratório de Projeto e Desenvolvimento de Software	Laboratório Pequeno - SETEC	Leonair	7:30-9:30	Sexta	
Sistemas Operacionais	Laboratório Pequeno - SETEC	Ricardo	9:30-11:30	Segunda	
Programação Orientada a Objetos	Laboratório 03/ST-Steves Jobs - IC	Ricardo	9:30-11:30	Terça	
Inteligência Artificial	Laboratório Pequeno - SETEC	Racni	9:30-11:30	Quinta	
Construção de Interface Homem Máquina	Laboratório 01/ST- Alan Turing - IC	Ricardo	9:30-11:30	Sexta	
Lab. de Redes de Computadores	Laboratório de ESTATÍSTICA NO BD II	Leonair	9:30-11:30	Sexta	
Construção de Compiladores	Laboratório Pequeno - SETEC	Diogo	13:30-15:30	Quinta	
Laboratório de Arquitetura de Computadores	Laboratório Pequeno - SETEC	Gracyeli	7:30-9:30	Quinta	
Laboratório de Banco de Dados	Laboratório Pequeno - SETEC	Gracyeli	13:30-15:30	Quinta	
Tópicos Avançados em Engenharia de Computação I	Laboratório 03/ST-Steves Jobs - IC	Leonair	15:30-17:30	Quarta	
Computação Gráfica	Laboratório Pequeno - SETEC	Gracyeli	15:30-17:30	Sexta	

Laboratório Pequeno - SETEC: Localizado no térreo do prédio da SETEC, na última sala à direita. O laboratório é denominado de Laboratório Multimídia.

Laboratório Grande - SETEC: Localizado no 2º andar do prédio da SETEC, vizinho ao auditório. O laboratório possui 63 computadores.

40 ANOS 40 ANOS 40 ANOS 40 ANOS 40 ANOS

ADUFMAT-SSIND PRODUZ DOCUMENTÁRIO SOBRE SEUS 40 ANOS

Em dezembro de 2018, a Adufmat-Seção Sindical do ANDES Sindicato Nacional completa 40 anos de luta. Para contar um pouco dessa importante história, a diretoria do sindicato sugeriu e aprovou em assembleia a elaboração de um vídeo documentário.

O trabalho de pesquisa e levantamento de dados tiveram início logo após a seleção do produtor audiovisual, em abril deste ano. Dezenas de professores que participaram da trajetória da entidade, fazendo ou não parte da diretoria, compartilharam um pouquinho das suas experiências e avaliações acerca dos fatos mais importantes dessas quatro décadas.

Greves, mobilizações, paralisações, confraternizações,

reuniões em âmbito local e nacional, muitos debates e enfrentamentos políticos que garantiram conquistas diversas e também impuseram ainda mais desafios para a categoria... toda essa memória registrada pelas lentes devem marcar não só a data, mas o papel fundamental do sindicato nesse período, inclusive no cenário político nacional.

O trabalho, coordenado pela cineasta Danielle Bertolini, é acompanhado pela diretoria, especialmente pela professora Maria Adenir Peraro, docente aposentada do departamento de História da UFMT, e atualmente à frente da Diretoria de Assuntos de Aposentadoria da Adufmat-Ssind. A historiadora desenvolveu, em paralelo, um caderno de memórias com depoimentos dos professores aposentados que participam

do Grupo de Trabalho de Seguridade Social e Assuntos de Aposentadoria (GTSSA) da Adufmat-Ssind e um outro livro, a partir de entrevistas realizada por ela, sobre a história do sindicato.

“Trazer à luz a memória dos companheiros que construíram a bela história do nosso sindicato, profundamente marcada pelo zelo à autonomia e à democracia, é fundamental para que ele continue prezando por isso nos próximos anos”, afirmou o presidente da Adufmat-Ssind, Reginaldo Araújo.

O documentário será exibido em sessão de comemoração dos 40 anos da Adufmat-Ssind no dia 08/12.

SAIBA COMO SURTIU E O QUE REPRESENTA A LOGO DO SINDICATO



Foto: Luana Soares

Nesses 40 anos de história, não foram poucos os personagens que marcaram a trajetória da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso Adufmat-Seção Sindical do ANDES Sindicato Nacional.

O professor aposentado da Faculdade de Ciências Médicas, Elson Luiz de Figueiredo, é um deles. Como diretor sociocultural da entidade em 1995 e 1996, durante a gestão “Remando contra a maré”, sob a presidência do professor Lúrnio Antônio Dias Ferreira, Elson desenvolveu a inconfundível logo da Adufmat-Ssind.

“Na época existia um protótipo, mas nada oficial. Então eu me lembro que perguntei assim numa reunião: o que é que marca a Adufmat? O que marca os professores, e também as pessoas que passam pela UFMT? A oca! E a partir daí eu comecei a

desenhar”, explicou o docente em entrevista recente concedida à professora Maria Adenir Peraro, para elaboração de um livro sobre a história do sindicato.

Sua curiosidade pela morfologia do “bicho homem”, bem como a formação em Biologia foram fundamentais para a construção do símbolo. Pantaneiro de Poconé, nem mesmo as vivências em outras regiões do país o afastaram das influências locais, das observações a partir da convivência com colegas indígenas e sua cultura.

“Eu tinha as partes bem marcadas na minha cabeça. Enxergava a oca, via um índio, via a parte administrativa. Peguei uma oca estilizada para que pudesse dar a noção de agregar, socializar. A parte de cima a oca em si. Abaixo, o índio e a administração. O solo, a socialização. Eu não estava preocupado só com os professores, eu pensava em todo mundo que passasse pela UFMT. Onde as pessoas vão encontrar os professores dentro da universidade? Aqui! E era assim. Acho que ainda é”, contou o docente aposentado.

Elson abandonou a faculdade de medicina em Belo Horizonte no início da década de 1970 porque se apaixonou pela Biologia. Curioso, queria entender tudo sobre a vida do homem pantaneiro, “o bicho homem”, seus costumes e sua anatomia. “Eu queria compreender o social, mas também a estrutura física”, afirmou. Por isso, não teve dúvidas quando decidiu voltar para a sua região e cursar História Natural na UFMT, hoje Ciências Biológicas.

Formou-se aos 21 anos e quase que imediatamente iniciou a carreira de docente no curso de Enfermagem da mesma instituição. Seguiu com suas pesquisas na área de Morfologia e tornou-se professor efetivo da UFMT.

Em 1995 foi convidado pelo professor Lúrnio Ferreira, com quem estudou na faculdade, para ser diretor sociocultural da Adufmat-Ssind. “Eu era muito festeiro. O Lúrnio me conhecia assim”, brincou o docente, acrescentando que foi nessa época que o baile dos professores surgiu como tradição para marcar o 15 de outubro – Dia dos Professores.

Sua proximidade com o mundo das artes também contribuiu para a formação da logo do sindicato. “Eu apresentei minha proposta e queriam resolver o meu desenho. A gente levou numa agência de publicidade. Ele sabia que eu trabalhava com desenho, artes plásticas, então eu mostrei e falei: ‘é isso aqui que a gente quer’. Eu não lembro como era a arte antes, mas a paixão pela morfologia me faz lembrar direitinho das ideias. As formas falam. Eu cheguei a discutir com o Portocarrero a questão da identidade, o social, o homem, o local onde eu me encontrava e me sentia muito bem. Eu amava a federal! É um orgulho muito grande ter realizado meu trabalho aqui”, finalizou o professor.

A diretoria da Adufmat-Ssind está organizando uma série de comemorações em referência aos 40 anos de história e luta da Adufmat-Ssind. Para marcar a importância dessa história, uma versão comemorativa da logo foi utilizada pelo sindicato desde o início do ano.

ARAGUAIA PARCERIA ENTRE SINDICATOS MARCA HISTÓRIA DA ADUFMAT-SSIND

A parceria inédita entre sindicatos e outras entidades, em abril de 2017, na cidade de Barra do Garças, marcou a história da subseção da Adufmat-Ssind no Araguaia. Deflagrada contra as reformas da Previdência e Trabalhista, a paralisação não impediu o seguimento das pautas no Congresso Nacional, mas alcançou êxito ao criar uma rede de luta sindical na região.

Os primeiros meses de 2017 foram marcados por protestos em Brasília, contra as políticas do governo de Michel Temer. No Araguaia, a Adufmat-Ssind encabeçava um ato conjunto com uma série de sindicatos, que parou atividades em Barra do Garças por um dia. Em 28 de abril, caminhavam com os professores universitários, no centro da cidade, representações sindicais da educação básica, dos servidores municipais e estaduais, dos bancários, entre outros. Estudantes e grupos civis também participavam da manifestação.

“Vimos ali a possibilidade de crescimento de uma luta com outras parcerias”, destaca Deyvisson Costa, professor universitário e

membro da representação local da Adufmat-Ssind. Segundo ele, a atividade sindical no Araguaia vem aumentando desde 2015, quando a comunidade acadêmica construiu mobilizações contra os cortes no orçamento da Educação.

Ao longo dos anos, a representação do Araguaia protestou em diferentes momentos ao lado do movimento estudantil. A subseção da Adufmat-Ssind se envolveu quando os estudantes fecharam as portas do campus, em abril de 2018, contra as mudanças na política de alimentação da UFMT.

“Houve intensa mobilização da representação local para uma pauta que não era necessariamente da classe trabalhadora, e sim do espaço de trabalho e dos estudantes”, afirma Costa. Ainda em discussão, se consolidadas, as mudanças propostas pela instituição, além de aumentar as tarifas do restaurante universitário, eliminarão o caráter universal da principal política de permanência estudantil da universidade.

